



O PROJETO POÉTICO-PENSANTE DE CLARICE LISPECTOR

Rodrigo da Costa Araujo é Doutorando em Literatura Comparada pela UFF e Mestre em Ciência da Arte, também pela UFF. Professor de Teoria da Literatura, Literatura infantojuvenil e Arte Educação dos cursos de Letras e Pedagogia da FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces* e *Leituras em Educação*, lançadas recentemente pela Editora Opção. E-mail: rodricoara@uol.com.br

Ler o elegante livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante*, de Evandro Nascimento permite pensar em alguns questionamentos iniciais: até onde vai o silêncio no texto de Clarice Lispector? Como é o modo de pensar nas ficções de Clarice? O que é o humano e o que é o animal? Quais estranhezas existem nessas aproximações? Essas e outras questões sugerem, parodiando o próprio título da obra, uma “leitura pensante”, espécie de pensamento inquieto que o ensaísta defende.

Os ensaios, divididos em dois momentos, têm como proposta a noção de uma *literatura pensante*. A primeira seção, intitulada “Humanos, animais, plantas & coisas”, volta-se para uma abordagem mais ampla - com forte viés filosófico centrado na narrativa clariceana - das fronteiras e interseções entre humanos e não humanos, bem como das interfaces entre filosofia e literatura e aborda, também, o trato requintado dessas aproximações. A isso se seguem discussões sobre errâncias da ficção clariceana, as intrincadas relações entre vida e poder, as implicações ético-estéticas na literatura, as sutilezas e as relações dessas descobertas com o corpo e com o imaginário.

A segunda seção do livro, intitulada “Outros Movimentos Simulados”, aborda as metáforas do mal e a publicação das *Cartas Perto do Coração*, de Fernando Sabino, trocadas entre ele e a escritora de *A Hora da Estrela*. Importa a Evandro Nascimento ver essas “simulações” representadas em diversos gêneros textuais assinados pela ficcionista. Todos eles, de algum modo ou de outro, ajudam a mapear a literatura pensante da escritora. Segundo essas leituras, o pensamento na literatura clariciana implica o encontro inaudito com o outro/a outra, os quais não se reduzem à alteridade imediata, apontando, também, para a discussão do diferente.

Assim, um dos méritos deste *Clarice Lispector: uma literatura pensante* está justamente no fato de que as discussões acolhem esse lugar de leitura, assumindo a posição de instabilidade que lhes oferece a indomável obra clariceana para, a partir daí, pensá-la, interpretá-la, confrontá-la.

Algumas vezes, pela via do paradoxo e da transversalidade, Nascimento, baseado em Derrida, evidencia, sutilmente, em Clarice o que outros escritores já disseram, obliquamente, através da literatura: que a travessia das fronteiras entre as esferas humana e não humana consiste em reconhecer, ao mesmo tempo, as diferenças que distinguem os homens dos outros e a impossibilidade dessas diferenças serem mantidas como instâncias excludentes, uma vez que os humanos precisam se aceitar como animais para se tornarem humanos.

Na obra de Clarice, uma característica dessa reflexão seria a desconstrução de dicotomias ou categorias, como masculino e feminino, homem e animal ou mesmo animal e plantas. Ela, segundo Evandro Nascimento, tem ajudado a questionar os limites do humano, na medida mesma em que traz para seu espaço formas concorrentes em relação à tradição, tais como animais e objetos, texturas, paisagens, cores, trechos musicais, ruídos e silêncios.

A *literatura pensante* de Clarice, aos olhos sensíveis de Nascimento, é o resultado da interação de forças, indicando o caráter dubitativo, sedicioso e, por isso mesmo, aberto do literário. Não que o efeito de indecisão interpretativa seja garantido de antemão, qualquer texto mesmo o mais insidioso pode dar vez a uma leitura unívoca e até mesmo transcendental. Há, porém, textos que em sua composição sígnica resistem mais, desnortando o incauto leitor na procura do significado último da obra.

Nesse processo, Clarice investiga até o limite entre o que é vivo e o que não é; um raciocínio que culmina na figura do ovo, uma imagem recorrente em sua poética. "Clarice investe de subjetividade as plantas e os objetos", diz Evandro Nascimento, retomando o livro *Água Viva*, em que ela faz referência aos sentimentos das flores, e *Um Sopro de Vida*, no qual um personagem, o Autor, cria uma personagem feminina, Ângela, que dá vida aos objetos. É por meio desses questionamentos que a obra de Clarice ganha uma dimensão política, estética e sensível na leitura realizada, transgressoramente, por Evandro Nascimento.

Nessas oposições, normalmente um dos elementos do par é diminuído. No momento em que prestamos atenção na singularidade do outro - do animal, da planta, do feminino -, há a possibilidade de esse outro afirmar-se. A ética, nesse caso, significa construir espaços para que o outro possa emergir, trazer à cena o que é excluído, diz o crítico, que traça um paralelo entre Clarice e o filósofo Derrida. A escritora, para ele, resolve, ficcionalmente, o que Derrida questiona, filosoficamente, quebrando as hierarquias entre o feminino e o masculino, ou entre o humano e o animal.

Não se trata de psicanalisar as relações entre homens e bichos segundo Clarice, mas de compreender como certo "estranhamento familiar" perpassa a visão de alteridade. O bestiário (e seu correlato objetivo, o mundo das coisas em geral) clariceano dispõe a força do literário naquilo que ele excede o humano, abrindo para além do horizonte histórico. Em outras palavras, indagar o bicho ou os bichos e seus homólogos via ficção ajuda a pensar alguns dos aspectos da estranha intuição literária. Sobre o bestiário ficcional clariceano e seus correlatos, Nascimento afirma que "A assinatura Clarice *Lispector* espalha sua fauna nos mais diversos textos, constituindo uma verdadeira *zoo-grafia*, termo que em grego designava a 'pintura do vivo'" (Nascimento, 2012, p. 48).

Para Evandro Nascimento, "uma literatura pensante como a de Clarice é a que possibilita pensar o impensável; e só pode haver pensamento ali onde se dá o advento da alteridade enquanto tal, o outro como Outro ou Outra, em sua radical diferença" (Nascimento, 2012, p.24). Confirma-se, nas suas leituras, que as personagens

clariceanas põem-se a repensar o sentido e o valor literário e, ao mesmo tempo, em tom discreto e irônico, introduzem fórmulas capazes de envolver grande variedade de assuntos e leitores, tomadas como alvos e como nutrientes imprescindíveis para que se criem e se movam obras com tantas direções. Obras com charme e riqueza, graças em grande parte, aos múltiplos estímulos recepcionais, quase sempre conflitantes e aproximados. Arte como forma de pensamento.

Reforçando o título e paratexto inicial da obra, como também alguns encaminhamentos ou protocolos de leitura, o crítico afirma que a “literatura pensante como a de Clarice Lispector é a que dessubstancializa o pensamento como função ontológica e existencial, lançando-o nas paragens do impensável dessublimado mundo das coisas” (Nascimento, 2012, p.66). Faz parte desse projeto de Clarice refletir sobre o fenômeno social das relações com os animais, incorporando à cena discursiva as linhas de força, também plurais, daquele que está a ler. Cria e diverte-se com o desejo do outro.

Transdisciplinar e pontual, a escrita de Evandro Nascimento, recorrendo a múltiplos arquivos, oferta-nos delicadas pistas, como se - também se utilizando das reflexões, das astúcias e da fineza da escritora - sugerisse protocolos de leitura e sutilezas da investigação crítica. A leitura da obra de Clarice, nesse caso, permite dizer e significar em face de aproximações com o não-eu, o outro, a outra. Aprendemos a ver o literário em sua transitividade, em suas operações de deslocamento, passando por processos, meios e estágios variados.

Além de fertilizar a vida crítica da literatura e ativar a práxis textual de Clarice Lispector, este livro convida-nos a saberes diferidos, enfocados sob ritmos, vontades e valores constituintes de nossas melhores pesquisas sobre a escritora.

Clarice Lispector: uma literatura pensante, de Evandro Nascimento, é um elogio à literatura de Clarice. Tais tentativas poéticas de “ler” essa suposta poética do animal na ficção clariceana não deixam, contudo, de reconduzir à questão do sujeito e da subjetividade. Essas reflexões, portanto, retomam o esforço da escritora em apreender, pelo processo discursivo e da trama retórica, o “eu” dos animais não humanos, entrar na pele deles, imaginar o que eles diriam se tivessem o domínio da linguagem humana, encarar uma subjetividade possível do mundo (ainda que inventada) desses outros, conjecturar sobre seus saberes acerca do mundo, da literatura e da humanidade.

Referências

NASCIMENTO, Evandro. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 303 p.